



2ª Fase Exame Discursivo

29/11/2015

Língua Portuguesa/Literatura Brasileira

CADERNO DE PROVA

Este caderno, com dezesseis páginas numeradas sequencialmente, contém dez questões de Língua Portuguesa/Literatura Brasileira.

Não abra o caderno antes de receber autorização.

INSTRUÇÕES

1. Verifique se você recebeu mais dois cadernos de prova.
2. Verifique se as seguintes informações estão corretas nas sobrecapas dos três cadernos: nome, número de inscrição, número do documento de identidade e número do CPF.

Se houver algum erro, notifique o fiscal.

3. Destaque, das sobrecapas, os comprovantes que têm seu nome e leve-os com você.
4. Ao receber autorização para abrir os cadernos, verifique se a impressão, a paginação e a numeração das questões estão corretas.

Se houver algum erro, notifique o fiscal.

5. Todas as respostas e o desenvolvimento das soluções, quando necessário, deverão ser apresentados nos espaços apropriados, com caneta de corpo transparente, azul ou preta.

Não serão consideradas as questões respondidas fora desses espaços.

INFORMAÇÕES GERAIS

O tempo disponível para fazer as provas é de cinco horas. Nada mais poderá ser registrado após o término desse prazo.

Ao terminar, entregue os três cadernos ao fiscal.

Nas salas de prova, os candidatos não poderão usar qualquer tipo de relógio, óculos escuros e boné, nem portar arma de fogo, fumar e utilizar corretores ortográficos e borrachas.

Será eliminado do Vestibular Estadual 2016 o candidato que, durante a prova, utilizar qualquer meio de obtenção de informações, eletrônico ou não.

Será também eliminado o candidato que se ausentar da sala levando consigo qualquer material de prova.

BOA PROVA!

FELICIDADE

Olhou para o céu, certificando-se de que não ia chover.

– Passa já pra dentro, Jaú. Olha a carrocinha!

Jaú, costelas à mostra e rabinho impertinente, continuou impassível a se espichar ao sol, num desrespeito sem nome à sua dona e numa ignorância santa das perseguições municipais.

5 Clarete também teve o bom senso de não insistir, o que aliás era uma das suas mais evidentes qualidades. Carregou mais uma vez a boina escarlate sobre o olhar cinematográfico¹, bateu a porta com força – té logo, mamãe! – e desceu apressada, sob um sol de rachar pedras, a extensa ladeira para apanhar o bonde, pois tinha de estar às oito e meia, sob pena de repreensão, na estação Sul da Cia. Telefônica.

10 No bonde, afinal, tirou da bolsa o relóginho-pulseira e deu-lhe corda. Era um bom relógio aquele. Também, era Longines e no rádio do vizinho, que se mudara, um sujeito mal-encarado, ouvira sempre dizer que era o relógio mais afamado do mundo inteiro. Fora presente de seu Rosas quando ela morava na avenida. E, à falta de outra coisa, foi remexendo o seu passado pequenino com a lembrança do seu Rosas.

15 Rosas. Que nome! Não lhe entrava na cabeça que uma pessoa pudesse se chamar Rosas. Nem Rosas, nem Flores. Que esquisitice, já se viu?

Arregalou os olhos fotogênicos.

– Que amor!

20 Uma senhora ocupava o banco da frente, com um chapéu, rico, de feltro, enterrado até às sobranceiras.

O solavanco da curva não a deixou ter inveja. Calculou o preço, assim por alto: cento e poucos mil-réis, no mínimo. Quase seu ordenado. Quase... E sem querer voltou a seu Rosas.

Fora ele quem lhe dera aquele relóginho. A mãe torcera o nariz, nada, porém, dissera. Devia contudo ter pensado dela coisas bem feias. Clarete sorriu. O rapaz da ponta, com o *Rio Esportivo* aberto nas mãos e os olhos pregados nela, sorriu também. Clarete arrumou-lhe² em cima um olhar que queria dizer: idiota! e o rapaz zureta afundou os óculos de tartaruga na entrevista do beque³ carioca sobre o jogo contra os paulistas.

(...)

Praia de Botafogo. Meu Deus! Pendurou-se nervosamente na campainha, saltou e atravessou a rua sob o olhar perseguidor da rapaziada que ia no bonde.

30 Houve tempo em que Clarete se chamava simplesmente Clara. Tinha, então, os cabelos compridos, pestanas sem rímel, sobranceiras cerradas, uma magreza de menina que ajuda a mãe na vida difícil e um desejo indisfarçável de acabar com as sardas que lhe pintalgavam⁴ as faces e punham no narizinho arrebitado uma graça brejeira.

35 Trabalhava numa fábrica de caixas de papelão e vinha para a casa às quatro e meia, quando não havia serão, doidinha de fome e recendendo a cola de peixe.

Quando ela passava, os meninos buliam na certa:

– Ovo de tico-tico! Ovo de tico-tico!

Ela arredondava-lhes um palavrãozinho que aprendera na fábrica com a Santinha e continuava a subir a ladeira comprida, rebolando, provocante. (...)

40 Verdade é que eles a chamavam de ovo de tico-tico, menos pelas sardas do que por despeito. Ela não dava confiança a nenhum – vê lá!... – e no coração deles andava uma loucura por Clarete. Ai! se ela quisesse!... – suspiravam todos intimamente. Ela, porém, não queria, estava mais que visto. E eles ficavam se regalando amoravelmente com o palavãozinho jogado assim num desprezo superior, pela boca minúscula que todas as noites aparecia, tentadoramente se ofertando, nos seus sonhos juvenis.

Marques Rebello
Contos reunidos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

¹cinemático – que se movimenta em várias direções

²arrumar-lhe – dirigir-lhe

³beque – zaqueiro

⁴pintalgar – pintar

QUESTÃO

01

No conto, o narrador faz referência a duas etapas distintas da vida da protagonista.

Nomeie essas duas etapas, na ordem em que elas aparecem no texto. Em seguida, transcreva a frase que explicita a distinção entre as duas etapas.

QUESTÃO

02

Considere, nas passagens abaixo, as orações iniciadas por preposição:

Olhou para o céu, certificando-se de que não ia chover. (l. 1)

Clarete também teve o bom senso de não insistir, (l. 5)

Aponte o valor sintático de cada uma dessas orações.

QUESTÃO

03

Rosas. Que nome! Não lhe entrava na cabeça que uma pessoa pudesse se chamar Rosas. Nem Rosas, nem Flores. Que esquisitice, já se viu?

Arregalou os olhos fotogênicos.

– Que amor!

Uma senhora ocupava o banco da frente, com um chapéu, rico, de feltro, enterrado até às sobancelhas. (l. 15-20)

No trecho acima, o autor utiliza tanto o discurso indireto livre quanto o discurso direto.

Transcreva uma frase que exemplifica o emprego do discurso indireto livre. Indique, ainda, a cena desse mesmo trecho que motivou o uso do discurso direto pela personagem.

QUESTÃO

04

O texto *Felicidade* é um exemplo da prosa urbana modernista. Observe:

O rapaz da ponta, com o Rio Esportivo aberto nas mãos e os olhos pregados nela, sorriu também. Clarete arrumou-lhe em cima um olhar que queria dizer: idiota! e o rapaz zureta afundou os óculos de tartaruga na entrevista do beque carioca sobre o jogo contra os paulistas.

Praia de Botafogo. Meu Deus! Pendurou-se nervosamente na campainha, (l. 24-28)

Com base neste trecho, aponte duas características da prosa urbana modernista, sendo uma relacionada ao conteúdo e outra à linguagem.

O ENCONTRO MARCADO

Eduardo e a vida sadia. Seu Marciano tornou-se sócio do clube, o filho praticava natação.

– Por que você não joga basquete? – sugeria Letícia. – Natação é tão sem graça...

– Porque natação não depende de ninguém, só de mim.

Em seis meses era o melhor nadador de sua categoria, e ameaçava já o recorde dos adultos.

5 Uma espécie diferente de emoção – a de poder contar consigo mesmo, e de se saber, numa competição, antecipadamente vencedor. Os entendidos sacudiam a cabeça, admirados:

– Quem diria, esse menino...

Era uma espécie de êxtase: fazer de simples prova de natação, a que ninguém o obrigava, uma disputa em que parecia empenhar o destino, fazer da arrancada final uma luta contra o cansaço,

10 em que a vida parecia querer prolongar-se além de si mesma.

Dia de competição. As luzes da piscina acesas, as arquibancadas cheias. Ambiente de expectativa, medo, alegria, excitação. Alto-falantes comandando ordens, convocando nadadores, apostas, previsões, torcida, gritaria. Nada da paz quase bucólica da piscina nos dias de treino – o rigor e a monotonia dos exercícios, de manhã e de tarde, o longo, lento e meticuloso esforço durante

15 meses e meses, para ganhar décimos de segundo na luta contra o cronômetro. Refugiado no vestiário, enrolado em cobertor, Eduardo aguardava o momento de sua prova, ouvindo, lá fora, os aplausos da multidão. Logo chegaria a sua vez. Chico, o roupeiro, aparecia para dar-lhe a notícia da competição.

– Estamos ganhando. Daqui a pouco é você.

20 (...) Sua emoção se traduzia em longos bocejos, o medo era quase náusea, a expectativa era uma ilusória, persistente e irresistível vontade de urinar. A multidão voltava a aplaudir, lá fora. – “Daqui a pouco é você”. Nunca saía do vestiário antes da hora de nadar.

– Quanto está a água hoje? – perguntava ao roupeiro.

Era o único nadador que não interrompia os treinos no inverno, sozinho, a água gelada, a piscina

25 fechada aos sócios. (...) Nadar era difícil, ficava cada vez mais difícil... Onde quer que surgisse um recordista, logo surgia outro para abaixar-lhe o recorde. (...)

– Marciano, a sua vez! – vinham lhe avisar.

Nada a fazer. Ali estava ele, pronto para o sacrifício, convocado como um condenado para a execução. Ia seguindo em direção à mesa dos juizes, para assinar a súmula, sem olhar para os

30 lados. Sentia que todos os olhos o seguiam, ouvia vagamente os aplausos, procurava ignorar tudo, concentrar-se. Vontade de dormir, de desistir, fugir, sair correndo, esquecer aquele suplício. Medo. Os outros também se sentiram assim, fragilizados pela emoção, sucumbidos pela espera? Munira-se de alguns minutos de descanso e solidão, curtidos em agonia no vestiário – era a sua reserva. Ali fora, os nervos se esbandalhariam ante o que o aguardava – que viesse

35 imediatamente.

– Mostra a essa gente, Eduardo.

– É pra valer!

– Capricha, menino.

– Está bem, está bem...

Deslumbrado pela luz dos refletores, desprotegido e nu, ia caminhando para o sacrifício.

Fernando Sabino

O encontro marcado. Rio de Janeiro: Record, 2012.

QUESTÃO

05

Era uma espécie de êxtase: fazer de simples prova de natação, a que ninguém o obrigava, uma disputa em que parecia empenhar o destino, fazer da arrancada final uma luta contra o cansaço, em que a vida parecia querer prolongar-se além de si mesma. (l. 8-10)

Reescreva as duas orações subordinadas adjetivas sublinhadas, fazendo uso da expressão "a qual", de acordo com a norma-padrão.

QUESTÃO

06

Sua emoção se traduzia em longos bocejos, o medo era quase náusea, a expectativa era uma ilusória, persistente e irresistível vontade de urinar. A multidão voltava a aplaudir, lá fora. – "Daqui a pouco é você". Nunca saía do vestiário antes da hora de nadar. (l. 20-22)

Identifique o foco narrativo do trecho acima e explique a particularidade do seu emprego na exploração do tempo psicológico nesse episódio.

QUESTÃO

07

Nada a fazer. Ali estava ele, pronto para o sacrifício, convocado como um condenado para a execução. Ia seguindo em direção à mesa dos juízes, para assinar a súmula, sem olhar para os lados. (l. 28-30)

Cite dois vocábulos desse fragmento que revelam o sentimento que a prova de natação provoca em Eduardo. Em seguida, com base no último parágrafo, indique um recurso utilizado pelo narrador para enfatizar esse sentimento.

VAGABUNDO

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,
 Fumando meu cigarro vaporoso;
 Nas noites de verão namoro estrelas;
 Sou pobre, sou mendigo e sou ditoso¹!

5 Ando roto, sem bolsos nem dinheiro
 Mas tenho na viola uma riqueza:
 Canto à lua de noite serenatas,
 E quem vive de amor não tem pobreza.

(...)

Oito dias lá vão que ando cismado
 10 Na donzela que ali defronte mora.
 Ela ao ver-me sorri tão docemente!
 Desconfio que a moça me namora!...

Tenho por meu palácio as longas ruas;
 Passeio a gosto e durmo sem temores;
 15 Quando bebo, sou rei como um poeta,
 E o vinho faz sonhar com os amores.

O degrau das igrejas é meu trono,
 Minha pátria é o vento que respiro,
 Minha mãe é a lua macilenta,
 20 E a preguiça a mulher por quem suspiro.

Escrevo na parede as minhas rimas,
 De painéis a carvão adorno a rua;
 Como as aves do céu e as flores puras
 Abro meu peito ao sol e durmo à lua.

(...)

25 Ora, se por aí alguma bela
 Bem doirada e amante da preguiça
 Quiser a nívea² mão unir à minha,
 Há de achar-me na Sé, domingo, à Missa.

Álvares de Azevedo
Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

¹ditoso – feliz

²nívea – branca

QUESTÃO

08

Sou pobre, sou mendigo e sou ditoso! (v. 4)

O verso acima reúne dois traços que podem ser considerados inconciliáveis.

Explicitite esses traços e nomeie duas figuras de linguagem que reforçam o significado do verso.

QUESTÃO

09

Oito dias lá vão que ando cismado (v. 9)

Justifique a flexão do verbo na terceira pessoa do plural. Em seguida, reescreva o verso, de acordo com a norma-padrão, substituindo o verbo "ir" pelo verbo "fazer".

QUESTÃO

10

Na quinta estrofe do poema *Vagabundo*, Álvares de Azevedo, poeta da segunda geração do Romantismo, aborda um tema muito frequente entre os primeiros românticos.

Identifique o tema e explique a diferença entre a abordagem desse tema por Álvares de Azevedo e pelos poetas românticos da primeira geração.

